

O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DA CRIANÇA SEGUNDO EMILIA FERREIRO.

Duarte, Karina.

Rossi, Karla.

Discentes da faculdade de ciências Humanas/FAHU.

Rodrigues, Fabiana.

Docente da faculdade de ciências Humanas/FAHU.

RESUMO:

O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DA CRIANÇA SEGUNDO EMILIA FERREIRO.

O artigo científico a ser apresentado relata formas tradicionais de alfabetização escolar, no qual o professor transmite seus conhecimentos aos seus alunos. Procuramos verificar como acontece o processo de alfabetização na criança segundo a autora Emilia Ferreiro, que como pesquisadora realizou diversos estudos sobre a concepção da criança a respeito da aprendizagem da leitura escrita.

Palavras chave: processo de alfabetização na criança, segundo Emilia Ferreiro.

ABSTRACT:

The scientific article to be presented tells traditional forms of pertaining to school alfabetização, in which the professor transmits its knowledge to its pupils. We look for to verify as the process of alfabetização in the child happens according to Emilia author blacksmith that I eat researcher carried through diverse studies on the conception of the child regarding the learning of the written reading.

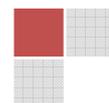
Words key: process of alfabetização in the child, according to Emilia Ferreiro.

INTRODUÇÃO:

As formas tradicionais de alfabetização inicial consistem num método no qual o professor transmite seus conhecimentos aos seus alunos. Porém, muitos desses professores não está capacitado para compreender algumas dificuldades que a criança enfrenta antes de entender o verdadeiro sentido da leitura e escrita.

Na aprendizagem inicial as práticas utilizadas são, muitas vezes, baseadas na junção de sílabas simples, memorização de sons decifração e cópia. Tais maneiras fazem com que a criança se torne um espectador passivo ou receptor mecânico, pois não participa do processo de construção do conhecimento.

Para Ferreiro (1996) a leitura e escrita são sistemas construídos paulatinamente. As primeiras escritas feitas pelos educandos no início da aprendizagem devem ser consideradas como produções de grande valor,



porque de alguma forma os seus esforços foram colocados nos papéis para representar algo.

Considerando que a pesquisadora Emilia Ferreiro realizou diversos estudos acerca do processo de alfabetização, escolhi o tema "O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DA CRIANÇA SEGUNDO EMILIA FERREIRO", para conhecer algumas propostas e aspectos, e entender como a autora explica os processos e formas mediante as quais a criança chega a ler e escrever.

A forma de pesquisa para elaboração desse artigo foi totalmente bibliográfica.

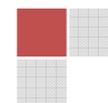
I. DESENVOLVIMENTO:

Segundo Ferreiro (1996, p.24) "O desenvolvimento da alfabetização ocorre, sem dúvida, em um ambiente social. Mas as práticas sociais assim como as informações sociais, não são recebidas passivamente pelas crianças."

Atualmente, muitos professores ainda definem erroneamente o processo de alfabetização como sinônimo de uma técnica.

De acordo com suas experiências com crianças, Ferreiro (1999, p.44-7), esquematiza algumas propostas fundamentais sobre o processo de alfabetização inicial.

- Restituir a língua escrita seu caráter de objeto social;
- Desde o início (inclusive na pré-escola) se aceita que todos na escola podem produzir e interpretar escritas, cada qual em seu nível;
- Permite-se e estimula-se que a criança tenham interação com a língua escrita, nos mais variados contextos;
- Permite-se o acesso o quanto antes possível à escrita do nome próprio;
- Não se supervaloriza a criança, supondo que de imediato compreendera a relação entre a escrita e a linguagem.



- Não se pode imediatamente, ocorrer correção gráfica nem correção ortográfica.

Entretanto no processo de alfabetização inicial, nem sempre esses critérios são utilizados. Sabemos que os professores ensinam da mesma maneira como aprenderam quando eram alunos, e não aceitam os erros que seus alunos cometem.

Ferreiro (1999, p.47) afirma que “a alfabetização não é um estado ao qual se chega, mas um processo cujo início é na maioria dos casos anterior a escola é que não termina ao finalizar a escola primária”.

A autora defende que, de todos os grupos populacionais as crianças são as mais facilmente alfabetizáveis e estão em processo contínuo de aprendizagem, enquanto que os adultos já fixaram formas de ação e de conhecimento mais difíceis de modificar ressalta ainda que:

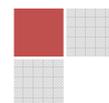
Há crianças que chegam à escola sabendo que a escrita serve para escrever coisas inteligentes, divertidas ou importantes. Essas são as que terminam de alfabetizar-se na escola, mas começaram a alfabetizar muito antes, através da possibilidade de entrar em contato, de interagir com a língua escrita. Há outras crianças que necessitam da escola para apropriar-se da escrita.

(Ferreiro, 1999, p.23)

A pesquisadora, assumindo ser dedicada fundamentalmente a tentar compreender o desenvolvimento das conceitualizações infantis sobre a língua escrita, afirmam que através dos resultados obtidos uma conclusão deve ser considerada as crianças são facilmente alfabetizáveis foram os adultos que dificultaram o processo de alfabetização delas. (Ferreiro, 1999, p.17)

Goodman (1980 Apud Ferreiro & Palácio, 1987, p.86). Cito alguns princípios que as crianças descobrem e aprendem a controlar à medida que desenvolvem um sistema de escrita:

- Os princípios funcionais desenvolvem-se à medida que a criança soluciona o problema de como escrever e para que escrever. A significação que a escrita tenha em seu dia a dia terá conseqüências no desenvolvimento desses princípios e as funções especificam dependerão da necessidade que a criança sentira da linguagem escrita.



- Os princípios lingüísticos desenvolvem-se à medida que a criança resolve o problema da forma como a linguagem escrita esta elaborada para extrair significados na cultura. Nessas formas estão incluídas as regras ortográficas, grafo fônicas, sintáticas, semânticas e pragmáticas de linguagem escrita.

- Os princípios relacionais desenvolvem-se á medida em que a criança resolve o problema de como a linguagem escrita chega a ser significativa. Assim, passa a compreender com a linguagem escrita representa as idéias e os conceitos que as pessoas, os objetos no mundo real e a linguagem oral possuem em uma determinada cultura.

II

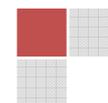
De acordo com Ferreiro (2000, p.29), tradicionalmente, as decisões a respeito da pratica alfabetizadora tem-se centrado na polemica sobre os métodos utilizados. Métodos analíticos contra os métodos sintéticos, fonéticos, contra global, entre outros.

A metodologia normalmente utilizada pelos professores parte daquilo que é mais simples, passando para os mais complexos.

Para Ferreiro & Teberosky (1985, p.18) a preocupação dos educadores tem-se voltado para a busca do melhor ou do mais eficaz dos métodos, levando a uma polemica entre dois tipos fundamentais; método sintético e método analítico.

O método sintético preserva a correspondência entre o oral e o escrito, entre som e a grafia. O que se destaca neste método é o processo que consiste em partir das partes do todo, sendo letras os elementos mínimos da escrita. O método analítico insiste no reconhecimento global das palavras ou orações; a análise dos componentes se faz posteriormente (Ferreiro & Teberosky, 1985, p.19).

Para Ferreiro (2000, p.30) se compreendermos que qualquer informação tem que ser assimilada, e, portanto, transformada para ser operante, então teríamos que aceitar também que os métodos (como seqüência de passos



ordenados para chegar a um fim), não oferecem mais do que sugestões, incitações, praticam de rituais ou conjunto de proibições. O método, segundo a autora, não cria conhecimento.

O que seria correto, na concepção de Ferreiro, seria se interrogar, “através de que tipo de prática a criança é introduzida na linguagem escrita, e como se apresenta esse objeto no contexto escolar” (2000, p.30).

Existem práticas que levam a criança às convicções de que o conhecimento é algo que os outros possuem e que só se pode adquirir da boca destes, deixando, assim, de ser participante da construção. Algumas praticas levam a pensar que aquilo que existe para conhecer já foi estabelecido, como um conjunto de coisas fechado que não podem se modificar. Há por fim, praticas que leva a que o sujeito (a criança neste caso) fique sem participar do conhecimento, como espectador ou receptor daquilo que o professor ensina.

Ferreiro afirma que “nenhuma pratica pedagógica é neutra. Todas estão apoiadas em certo modo de conceber o processo de aprendizagem e o objeto dessa aprendizagem” (2000, p.31).

O professor não pode, então, se tornar um prisioneiro de suas próprias convicções; as de um adulto já alfabetizado. Para ser eficaz “deverá adaptar seu ponto de vista ao da criança. Uma tarefa que não é nada fácil” (Ferreiro, 2000, p.61).

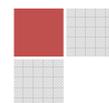
III

A escrita pode ser considerada como uma representação da linguagem ou como um código de transcrição gráfica das unidades sonoras.

A diferença essencial é a seguinte: no caso da codificação, tanto os elementos como as relações já estão predeterminados. No caso da criação de uma representação, nem todos os elementos, nem as relações estão determinados.

A invenção da escrita foi um processo histórico de construção de um sistema de representação, não um processo de codificação.

No caso dos dois sistemas envolvidos no inicio da escolarização (o sistema de representação dos números e o sistema de representação da linguagem), as dificuldades que as crianças enfrentam soa dificuldades conceituais



semelhantes às da construção do sistema e por isso podem-se dizer, em ambos os casos, que a criança reinventa esse sistema.

As escritas alfabéticas (tanto que as escritas silábicas) poderiam ser caracterizadas como sistema de representação cujo intuito original é primordial é representar as diferenças entre os significantes ao contrario, as escritas de tipo ideográfico poderiam ser caracterizadas como sistemas de representação cuja intenção primeira ou primordial é representar diferenças nos significados.

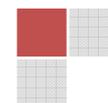
Ao concebermos a escrita como um código de transcrição que converte as unidades sonoras em unidades gráficas coloca-se em primeiro plano a discriminação perceptiva nas modalidades envolvidas (visual e auditiva). Mas se concebe a aprendizagem da língua escrita como a compreensão do modo de construção de um sistema de representação, o problema se coloca em termos completamente diferentes. Embora se saiba falar adequadamente, e se façam todas as discriminações perceptivas aparentemente necessárias, isso não resolve o problema central: compreender a natureza desse sistema de representação.

A conseqüência ultima desta dicotomia se exprime em termos ainda mais dramáticos; se a escrita é concebida como um código de transcrição, sua aprendizagem é concebida como a aquisição de uma técnica; se a escrita é considerada como um sistema de representação, sua aprendizagem se converte na apropriação de um novo objeto de conhecimento, ou seja, em uma aprendizagem conceitual (FERREIRO & TEBEROSKY, 1985).

CONCLUSÃO:

Através do estudo foi possível compreender que para Emilia Ferreiro as dificuldades e fracassos nas séries iniciais na aprendizagem da leitura e escrita constituem um problema que nenhum método conseguiu solucionar. Em suas obras, porem, ela não apresenta nenhum método pedagógico que deveria ser seguido pelos professores para alfabetizarem seus alunos, mas revela os processos de aprendizagem das crianças.

Tendo como base de referencia a teoria psicológica e epistemológica de Piaget, a pesquisadora mostra que a criança constrói seus



sistemas interpretativos, ou seja, pensa em diferentes hipóteses para construir seus conhecimentos.

Como vimos, é necessário que o professor considere as escritas do ponto de vista construtivo, representando a evolução de cada criança, é preciso que haja uma reestruturação interna na escola com relação à alfabetização e também no que se refere às formas de alfabetizar.

V. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

FERREIRO, Emilia. **Alfabetização em Processo**. São Paulo: Cortez, 1996. 144p.

FERREIRO, Emilia. **Com Todas as Letras**. São Paulo: Cortez, 1999. 102p v.2.

FERREIRO, Emilia; Teberosk, Ana. **A Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artes Medicas 1985. 284p.

FERREIRO, Emilia. **Reflexões Sobre Alfabetização**. São Paulo: Cortez, 2000. 104p.

